



**LENTES, REGISTROS, SIGNOS SOCIAIS: A VISÃO DE PRISÃO E DE DETENTOS,
CRISTALIZADA A PARTIR DE IMAGENS DA REBELIÃO.**

Beatriz Helena Dal Molin¹
Leidiane Marques de Aguiar²
Paulo Humberto Porto Borges³

RESUMO: O crescente avanço tecnológico possibilitou um acelerado desenvolvimento em diversos setores da vida humana, assim como, interferiu na modalidade de como se usa e se faz fotografia nos dias atuais. A fotografia, paulatinamente, saiu dos álbuns familiares e tem se tornado importante composição na arte de comunicar, tendo em vista sua capacidade de retratar momentos da realidade. Trata este artigo de observar que as inúmeras imagens que nos são colocadas em contato necessitam ser analisadas para que possamos perceber como tais representações do real, construídas por palavras e imagens, veem sendo apresentadas por determinados grupos sociais a outros grupos. Assim, outro objetivo deste artigo é apresentar uma breve história da fotografia enquanto produto linguístico e social, bem como, analisar algumas fotografias amplamente divulgadas pela internet durante a rebelião ocorrida na Penitenciária Estadual de Cascavel/PR, observando a perspectiva do olhar que a sociedade tem da prisão e dos sentenciados. Metodologicamente, a pesquisa se apresenta como uma pesquisa qualitativa, de tipo bibliográfica, que traz autores como Corrêa (2013), Freund (2011), Morin (2011), Borges (2010, 2003), Canabarro (2005), Barthes(1989), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Linguagem; Signos sociais, Rebelião.

ABSTRACT: The increasing technological advancement enabled a accelerated development in different fields of human life, as well as, interfered in the form how to use and make photography today. The photograph gradually left the family albums and has become an important composition in the art of communicating, given its ability to picture the reality moments. This article aims to observe

¹ Pós Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Professora Orientadora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste. Cascavel, Paraná. *E-mail:* beatriz.molin@unioeste.br.

² Mestranda do Programa de Mestrado em Letras/Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste. Cascavel, Paraná. *E-mail:* leidimarques@hotmail.com.

³ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Docente do Programa de Mestrado em Letras/Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste. Cascavel, Paraná. *E-mail:* pauloportoborges@gmail.com.



that the many images that are placed in contact with us, need to be analyzed so that we can understand how these representations of reality, built by words and images, are being presented by certain social groups to others groups. Thus, another objective of this paper is to present a brief photography history while linguistic and social product, as well as analyze some photographs widely disseminated over the Internet during the rebellion occurred at the Penitenciária Estadual de Cascavel/PR, watching the perspective of the looking that the society has of prison and prisoners. Methodologically, the research is a qualitative research, of bibliographic type, that brings authors as Corrêa (2013), Freund (2011), Morin (2011), Borges (2010/ 2003), Canabarro (2005), Barthes (1989), among others.

KEYWORDS: Photography; Language; Social signs; Rebellion.

Introdução

Sabemos que cada momento histórico possibilitou diferentes manifestações artísticas e que, desde a época da caverna, o homem tentou retratar momentos e pessoas, influenciado pelo momento histórico no qual vivia. Assim também ocorreu com a fotografia, que resultou de um momento histórico bem definido, o da industrialização e da ascensão burguesa, que procurava por meio da fotografia um modo de se auto afirmar enquanto classe social.

Embora, utilizada como instrumento auto afirmativo de determinada classe social, a fotografia exerceu o importante papel democrático que hoje desempenha a rede mundial de computadores, pois revolucionou os meios de produção da época e fez circular diferentes imagens do mundo todo, pelo mundo.

A fotografia veio desde sua invenção, há mais de 180 anos, despertando amplo debate enquanto possibilidades de linguagem e expressão, porém é a partir do segundo quartel do século XX que a narrativa fotográfica se impôs como um advento tecnológico consolidado, tanto como elemento artístico como signo social e linguístico, nos diversos contextos sócio-históricos e pessoais.

Sendo assim, esse artigo tem por intuito discorrer sobre a narrativa da fotografia, de modo a introduzir e compreender como essa produção tão presente na contemporaneidade está intimamente relacionada com a perspectiva de mundo e de verdade de quem a produz, e como tem revelado visões bem marcadas de determinados grupos sociais.



Compondo sua estruturação, o presente trabalho foi dividido em três seções. Na primeira seção, *O surgimento da fotografia*, apresentamos, de forma breve, a história da fotografia e seus percursos até o momento. Na segunda seção, apresentamos *A fotografia enquanto produto linguístico e social*, discorrendo sobre a fotografia como linguagem não verbal repleta de elementos linguísticos e, portanto de um valor significativo no contexto das relações histórico-sociais. Na seção derradeira denominada *Um olhar sobre momentos da Rebelião*, traçamos um olhar a partir de algumas fotografias da Rebelião ocorrida na Penitenciária Estadual de Cascavel (PEC) no mês de Agosto de 2014. Tais imagens fotográficas foram amplamente divulgadas no espaço cibernético e as mesmas serão observadas nesse estudo de modo a evidenciar como tais imagens retratam o olhar do fotógrafo enquanto ser historicamente constituído, que não deixa de revelar, ainda que inconscientemente, o pensamento coletivo que a sociedade tem sobre presídio e sentenciados.

1. O surgimento da Fotografia

Inicialmente, em seu surgimento, a fotografia consagrou-se como um modo de ascensão da classe burguesa, tal como a pintura tinha sido um modo de ascensão para a aristocracia. Nas palavras de Freund (2011):

Mandarse hacer el retrato era uno de esos actos simbólicos mediante los cuales los individuos de la clase social ascendiente manifestaban su ascenso, tanto de cara a si mismos como ante los demás, y se situaban entre aquellos que gozaban de la consideración social (FREUND, 2011, p.13).

Muitas foram as críticas sobre a fotografia em seu auge de surgimento, principalmente por parte dos pintores que se sentiram ameaçados pela nova técnica. Sendo assim, por muito tempo eles atacaram a fotografia, afirmando não ser ela uma expressão artística, tendo em vista que era produzida a partir de um artefato mecânico e possibilitava inúmeras cópias, ao contrário da ideia que se tinha da pintura como obra única.



De acordo com Freund (2011, p.23) “Las revoluciones del siglo XIX surgieron de las transformaciones sociales que provocó en Francia el crecimiento del capitalismo”. As máquinas estavam começando a substituir a mão-de-obra manual e a fotografia veio se apresentando como um novo modo de produção técnico científica. Diante desse progresso artístico é que Arago, intelectual burguês, considerando a cientificidade que traria a fotografia, propôs na Câmara de Deputados a aquisição da fotografia por parte do Estado Francês.

Ainda que a fotografia tenha tido diversos pioneiros como Hercules Florence, além de Talbot e Byard, se entende que o grande “inventor” da fotografia francês foi Joseph Nicéphore Niépce, que após inúmeras tentativas infrutíferas, obteve um resultado satisfatório, no entanto muito rudimentar. Niépce faleceu em 1833 sem encontrar parceiros financeiros para incentivar sua descoberta.

Desde o século XVI a humanidade tem conhecimento de alguns conceitos relacionados à fotografia, como a câmara escura e o escurecimento da prata pela luz; era possível gravar imagens em uma superfície revestida por sais de prata, quando esta era colocada no interior de uma câmara escura, mas tais imagens desapareciam rapidamente, quando entravam em contato com a luz ambiente. Esta técnica de congelar as imagens não surgiu de uma hora para outra; ela foi se desenvolvendo com o tempo, até que em 1826, Joseph Nicéphore Niépce registra a primeira fotografia reconhecida da história (CORRÊA, 2013, p.10).

Após a morte de Niépce, o pintor francês Louis-Jacques Mandé Daguerre, que havia o conhecido, decide dar continuidade às pesquisas deste e cria então o *Daguerreótipo*, técnica a partir de uma placa metálica, sensibilizada à luz e exposta a vapores de iodo. Sua invenção foi amplamente reconhecida no dia 19 de Agosto de 1839 durante uma sessão da Academia de Ciências e lhe propiciou uma renda vitalícia de seis mil francos, para que qualquer pessoa pudesse se utilizar da descoberta.

Desde a sua invenção, a fotografia já atravessou um grande percurso. Da câmara escura, do Daguerreótipo, da câmara de filme, da fotografia instantânea ao crescente avanço da tecnologia digital, que possibilitou a evidente democratização dessa manifestação de arte e técnica, permitindo, hoje, que inúmeras pessoas, por meio da fotografia, retratem e immortalizem pessoas e momentos.



2. A Fotografia como produto linguístico e social

Sabe-se que o crescente desenvolvimento tecnológico e a aceleração da globalização marcada no final do século XX têm alterado os diversos campos culturais, sociais e históricos. E desse modo tem alterado, portanto o campo da linguagem.

É nessa mudança cultural vivenciada pela atualidade que se contextualiza o crescente produto linguístico da fotografia. Ao que pese, o mundo tem se tornado essencialmente imagético. Não podemos negar que as imagens sempre existiram, contudo sabemos que elas nunca estiveram tão presentes e tão amplamente divulgadas como na conjuntura contemporânea, tendo em vista as possibilidades de maior acessibilidade ao público em geral, pelo seu caráter dinâmico e pleno de signos e sentidos, como uma via sintetizadora de linguagens. De acordo com Borges (2010):

Assim como a escrita, que fixa e repassa indefinidamente uma certa mensagem codificada em riscos e símbolos, a imagem fotográfica perpetua instantâneos e acontecimentos de um dado tempo e momento, com a grande diferença que, ao contrário da escrita, não é necessário ser *iniciado-alfabetizado* para construir e dar sentido a uma imagem (BORGES, 2010, p.197).

No entanto, para entender a imensa gama de signos e sentidos presentes na fotografia como produto de linguagem faz-se necessário entender que ela é também um produto social, assim como o texto escrito. A fotografia é, pois, um produto social, um signo de época, um documento histórico, enraizado em nossas construções discursivas, amalgamada em crenças, pensamentos e visões de mundo. Nas palavras de Canabarro (2005):

A configuração de uma história social da fotografia perpassa pela compreensão de que, em primeiro lugar, a fotografia é um produto social e a sua construção revela as demandas de diferentes grupos sociais. Estes mesmos grupos podem utilizar-se da fotografia para divulgar e legitimar o seu poder em um determinado momento e como forma de divulgação e de imposição de representações sociais, sendo estas matrizes para as práticas sociais, que podem interferir na construção de modelos ideais de comportamentos a serem seguidos pelos demais grupos de uma sociedade.



Esta forma impositiva de legitimação das representações, por intermédio das fotografias, serve também como um meio importante para a construção da identidade, tanto individual quanto coletiva (CANABARRO, 2005, p.31).

Importante refletirmos nas palavras da citação de modo a entendermos que a fotografia assim como a linguagem não tem inocência, mas ambas são produtos de escolhas, de visões de mundo, de ideologias, de pontos de vista e de recortes de um dado momento da realidade que “deve” ser passado, cristalizado, eternizado.

Borges (2003) acrescenta:

Todo leitor, ao observar uma imagem fotográfica deve estar consciente de que a interpretação do real, apesar da “verdade iconográfica” que traz a fotografia, será forçosamente influenciada por outra ou várias interpretações anteriores, ou seja, a leitura do fotógrafo, o autor da imagem. Por mais isenta ou imparcial que o registro pareça, ele é produto das opções do fotógrafo, desde a tomada do registro, a seleção do objeto retratado e a todo o processo fotográfico até a obtenção da imagem final (BORGES, 2003, p.152).

Sendo assim, infere-se a importância de entendermos as fotografias para além do ponto de vista positivista, de que tudo o que se retrata é verdade absoluta. É preciso, pois, entender que toda fotografia é produzida em um determinado contexto e tempo, sob o recorte de um olhar histórico e social de quem a produz. Isto é, a narrativa fotográfica, ainda que mecânica, é sempre mediada pelo olhar humano, um olhar permeado de historicidade e ideologia. E é somente a partir deste prisma que ela deve ser analisada e entendida como linguagem e narrativa.

3. Um olhar sobre momentos da rebelião

Inúmeras foram as fotografias circuladas no espaço cibernético retratando momentos da rebelião ocorrida na Penitenciária Estadual de Cascavel (PEC), localizada no Oeste do Paraná. Iniciada em 24 de Agosto de 2014 e dada por encerrada no dia 26 de Agosto, a rebelião totalizou mais de 40 horas de duração.

TRAVESSIAS ISSN 1982-5935

Vol 09, n- 01, 23 Ed. 2015

Faz-se necessário situar o leitor quanto à instituição na qual ocorreu a rebelião. Trata-se de uma penitenciária masculina, sob custódia do Estado do Paraná e que abriga mais de 1.000 (mil) homens em regime de privação de liberdade. Esta unidade prisional, assim como muitas do nosso país, possui área física precária e necessita de maiores investimentos, físicos, sociais e educativos.

Muitas das fotografias amplamente divulgadas na imprensa, tanto televisiva quanto digital, chocaram espectadores e causaram sofrimentos aos familiares e amigos que esperavam ansiosos por notícias de seus entes. Das diversas imagens massificadas pela internet, escolhemos três delas para observar como o olhar do fotógrafo revela a visão que a sociedade tem da prisão e das pessoas que lá se encontram privadas de liberdade. Vale ressaltar que a observação das imagens será traçada a partir de uma perspectiva social das imagens.



Fotografia 1: Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/sem-sinal-de-acordo-entre-pm-e-presos-rebeliao-segue-em-cascavel-4582983.html>. Acesso em Fev. 2015

TRAVESSIAS ISSN 1982-5935
Vol 09, n- 01, 23 Ed. 2015



Fotografia 2. Disponível em: <http://jbnbahia.blogspot.com.br/2014/08/cascavel-pr-defensoria-diz-que-ha.html>. Acesso em Fev. 2015.



Fotografia 3. Disponível em: <http://jaru190.com/presos-sao-decapitados-durante-rebeliao-em-cascavel-pr-veja-fotos/>. Acesso em Fev. 2015.

Todas as imagens (Fotografias 1, 2, e 3) retratam momentos em que os rebelados praticam atos violentos contra alguns reféns, tais como decapitação de um dos sentenciados, precipitação de recluso ao solo - a partir de uma altura considerada perigosa para a integridade física de qualquer pessoa que de lá fosse atirada para baixo - e possível enforcamento de outro.

Na fotografia 3, além de toda cena trágica já retratada há ainda a evidência maior, apontada por meio de um círculo em cor vermelha, destacando um rebelado segurando algo, que conforme a enunciação da notícia “*presos são decapitados durante rebelião em Cascavel – PR*” seria a cabeça de um dos decapitados durante a ação.

Tais imagens retratando a morte, a maldade e a crueldade, mesmo que momentânea, vem reforçar a ideia que a sociedade tem da prisão como um local de punição e de crueldades “justificadas” como sinal de “justa” punição a quem cometeu um delito social ou pessoal. Não basta



que o delinquente tenha sido julgado, condenado e esteja cumprindo sua pena com a privação da liberdade. Há que se tornar esta pena ainda mais cruel e desumana. Longe estamos de uma visão do estabelecimento penal como um local de recuperação do humano, que ainda pode ser encontrado em qualquer um dos que delinquiram um dia. Longe estamos de entender que o que se põe em julgamento não é a causa das delinquências, que muitíssimas vezes se originam das desigualdades e injustiças sociais.

A nossa sociedade ainda vê os estabelecimentos penais como locais nos quais a tortura e os maus tratos podem acontecer sem que se dê maior atenção a esse fato. A visão que se tem dos presídios não se distancia muito do que nos aponta Bittencourt (2012):

Além do predomínio da pena de morte, utilizava outras sanções cruéis, como açoite, amputação de membros as galés⁴, degredo etc. Não se adotava o princípio da legalidade, ficando ao arbítrio do julgador a escolha da sanção aplicável. Esta rigorosa legislação regeu a vida brasileira por mais de dois séculos (BITENCOURT, 2012, p. 88).

Logo a mesma visão discriminatória e cruel sobre os detentos também se perpetua e a imprensa se esbalda em mostrar imagens e divulgar textos que apontam as diversas distorções que o senso comum preserva, como sendo os detentos pessoas sanguinárias e irrecuperáveis e as unidades prisionais um ambiente nebuloso, carregado de mistérios e encarregado de afastar da sociedade indivíduos que transgrediram regras sociais, que afrontaram a moral e a lei e, que a partir de um exercício autoritário de poder e dominação, devem permanecer afastados do convívio social sem as mínimas condições de humanidade e urbanismo.

Embora a ideia arcaica de justiça, expressa pela lei de talião, tenha cedido espaço por uma justiça de Estado, permanecemos com a ideia distorcida e ultrapassada de que a prisão é o lugar de punição por meio do sofrimento e do distanciamento da sociedade “justa” que pensamos ter,

⁴ [Do gr. bizantino *galéa*, pelo f. ant. *galée*.] **S. f. l.** Antiga embarcação de guerra comprida e estreita, que emergia pouco acima da água, impelida basicamente por grandes remos (15 a 30 por bordo, manejado cada um por três a cinco homens), e acessoriamente por duas velas bastardas, içadas em mastros próximos à proa dotada de esporão. In____: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.



subvertendo a verdadeira função dessas instituições: a de oportunizar condições físicas, de ensino e de convívio social, de modo a possibilitar a reinserção social daqueles que lá se encontram.

Para corroborar com esta reflexão trazemos à cena Morin (2011):

Os fundamentos da ética estão em crise no mundo ocidental. Deus está ausente. A Lei foi dessacralizada. O Superego social já não se impõe incondicionalmente e, em alguns casos, também está ausente. O sentido da responsabilidade encolheu; o sentido da solidariedade, enfraqueceu-se (MORIN, p.27, 2011).

Observa-se, portanto que as fotografias selecionadas, assim como muitas outras que circularam pelo espaço cibernético durante a rebelião, revelam as visões que o senso comum tem das unidades prisionais e, principalmente, o julgamento que a sociedade faz dos que se encontram privados de liberdade. As imagens evidenciaram situações nas quais os atores da cena podem ser vistos como bárbaros, homens sem pudor e cruéis, e deixaram de fazer circular ou poucos registros que se teve dos momentos em que esses pediam, através de faixas, por melhorias dentro do presídio⁵.

Sabemos que a fotografia tem o poder de dar maior veracidade aos fatos. Contudo, é verdade que a imagem fotográfica também é uma opção do factual, um determinado recorte do real que sempre é construído por meio de uma seletividade subjetiva do fotógrafo e neste caso do editor de imagens do veículo jornalístico. Afinal, apesar da câmera fotográfica ser um artefato imparcial, temos sempre atrás da câmera um fotógrafo, que conforme Barthes (1989, p.21), “olha, limita, enquadra e coloca em perspectiva o que ele quer captar”, ser social historicamente constituído e carregado de valores criados a partir de suas vivências e de relações com os outros. Nada imparcial.

Se observarmos atentamente, fazemos parte do mundo e não apenas estamos nele. Quanto mais mergulhamos naquilo que enxergamos, mais conhecemos [...] de nós mesmos. Tecemos nossas conclusões pelos fragmentos e recortes. Tecemos um olhar por fotografia (ANDRADE, 2002, p.115).

Vale ressaltar ainda que além do fotógrafo temos ainda o espectador, aquele definido por Roland Barthes (1989) como o *Spectrum*, que olha, observa e sente. Espectador esse que, na

⁵ Registro disponível no link:< <http://www.ro463.com.br/wp-content/uploads/2014/08/pr2.jpg>>.



contemporaneidade, tem se sentido seduzido e, igualmente, contribuído para a expansão do sensacionalismo, da cultura do exagero e da conhecida espetacularização da mídia, sem uma criteriosa análise das causas.

Não obstante toda a deturpação de sentido e contribuição que fazemos ao “espetáculo” dos horrores em causa, parece-nos ainda que, por meio das fotografias selecionadas e outras que circularam na mídia, pensamos justificar nosso enfraquecimento solidário e nosso encolhimento responsável enquanto sociedade excludente, ao passo que vemos naqueles que ora clamam por justiça, retratos de seres irracionais, desprovidos de sentimentos e merecedores das condições impostas.

Considerações Finais

A partir do presente estudo podemos enfatizar que a linguagem imagética tem potencializado o ato comunicativo por meio das diferentes imagens que nos são colocadas dia a dia. O presente artigo demonstra ainda que, apesar da aparente “verdade” revelada pelas lentes fotográficas, a linguagem imagética é sempre direcionada pelas ações de homens socialmente constituídos que revelam, pelo prisma de suas lentes, as ideias nas quais acreditam. Sendo assim, a fotografia juntamente com o signo linguístico é também um signo social que revela a visão de quem a produz, o reflexo de sua constituição enquanto sujeito historicamente situado e constituído a partir de suas relações com outros sujeitos e consigo mesmo. A linguagem é sempre uma ação conturbada de dominação. Vivemos querendo dominar o outro a partir de nossas construções discursivas.

Além disso, as fotografias analisadas revelaram a visão acerca da prisão e dos reclusos de quem as produziu, convergindo para a visão da sociedade, que julga eximindo-se de sua responsabilidade enquanto um *locus* que faculta a delinquência e os crimes pela forma como distribuem sua renda, pelas deficiências de como educa e pela maneira como pune quem saiu do trilho que a sociedade aprova como “normal” e válido para uma convivência harmônica.



Se o gesto de fotografar é uma forma de escrever com luz, o prisma que se aprisiona através das lentes pode revelar e revela igualmente, uma escrita de sombras, escuridão e cegueira humana, que insiste em perpetuar o senso comum de ver apenas consequências sem se ater às reais causas.

Referências

ANDRADE, Rosane de. *Olhares fora-dentro*. In: *Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: EDUC, 2002.

BITENCOURT, Cezar Roberto. *Tratado de Direito Penal*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 1989.

BORGES, Paulo Humberto. Representação fotográfica e povos indígenas. In: *Discursos fotográficos*, Londrina, v.6, n.8, p.195-212, jan./jun. 2010.

_____. *Fotografia, História e Indigenismo: A representação do real no SPI*. Campinas, 2003, 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas- SP, 2003.

CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dezembro 2005.

Cascavel (PR) Defensoria diz que há presos desaparecidos do presídio de Cascavel. Disponível em: <<http://www.jbnbahia.com.br/2014/08/cascavel-pr-defensoria-diz-que-ha.html>>. Acesso em Fev. 2015.

CORRÊA, Juliana Rosa. *A evolução da fotografia e uma análise da tecnologia digital*. Viçosa, 2009, 92 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) - Curso de Comunicação Social/ Jornalismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa- MG, 2009.

FREUND, Gisele. *La fotografia como documento social*. Disponível em: <<http://www.academia.edu/5602933/Gisele-freund-la-fotografia-como-documento-social-1974>>. Acesso em Fev. 2015.

MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. Tradução Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Presos são decapitados durante rebelião em Cascavel. Fotos. Disponível em: <<http://www.ro463.com.br/?p=25321>>. Acesso em Abr.2015.



Presos são decapitados durante rebelião em Cascavel (PR): veja fotos. Disponível em:<<http://jaru190.com/presos-sao-decapitados-durante-rebeliao-em-cascavel-pr-veja-fotos/>>. Acesso em Fev. 2015.

Sem sinal de acordo entre PM e presos, rebelião segue em Cascavel. Disponível em:<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/sem-sinal-de-acordo-entre-pm-e-presos-rebeliao-segue-em-cascavel-4582983.html>>. Acesso em Fev. 2015.